
FALANDO SOBRE DEFICIÊNCIA

GUIA PARA A IMPRENSA

Segundo o Censo 2010, existem 45,6 milhões de pessoas com deficiência no Brasil, ou 24% da população.

No mundo, há 1 bilhão de pessoas com deficiência, 1 em cada 7 pessoas, segundo relatório da OMS de 2010, a maior das minorias.

Cerca de 80% das pessoas com deficiência estão nos países em desenvolvimento. Quanto mais desenvolvido o país, melhor são tratadas as pessoas com deficiência.

O Brasil é líder em inclusão escolar na América Latina e no mundo. O país passou de um percentual de 13% de matrículas na educação básica, em 1998, para 79% em 2014. Se considerada somente a rede de educação básica pública, o percentual chega a 93%. No ensino superior, de 2004 a 2014 as matrículas de universitários com deficiência aumentaram 518,66%.

Por **Patricia Almeida** : Jornalista, membro do Conselho da Down Syndrome International, mentor da International Disability Alliance. Co-Fundadora do Movimento Down e fundadora da Inclusive – Inclusão e cidadania, Coordenadora Estratégica do Instituto MetaSocial.

A IMPORTÂNCIA DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM

As pessoas com deficiência estão finalmente saindo do armário.

O Brasil tem conseguido, cada vez mais, romper o chamado ciclo de invisibilidade. Nele, a pessoa com deficiência não saía do quatinho dos fundos; sem sair, não era vista pela comunidade e era esquecida; com isso, a acessibilidade, em todos os níveis, fator determinante para a inclusão não era considerada um problema, e a discriminação e a exclusão prosseguiram; o que levava de volta à invisibilidade.

Ciclo da Invisibilidade

O CICLO DA INVISIBILIDADE

Lamentavelmente, o tema da deficiência tem ainda muito pouca visibilidade dentro das políticas para o desenvolvimento e redução da pobreza; e é, conseqüentemente, excluído dos programas e projetos nestas áreas. Isto aponta-nos para a existência de um "ciclo de invisibilidade" da deficiência que tem a seguinte lógica: ao haver gente "invisível", que por ser deficiente está escondida no quarto de trás, faz com que "não existam, não sejam um problema na comunidade, a comunidade não os inclui como prioridade" e com que "não existam serviços", "não haja inclusão", "continue a discriminação" e se reforça a falta de visibilidade e, assim, perpetua-se o ciclo .



Além das políticas públicas e ações afirmativas, o rompimento desse ciclo se deve, em grande parte, a um esforço da mídia na inclusão de pessoas com deficiência em suas produções. As representações que circulam nos meios têm um enorme impacto sobre a opinião pública. Muitas pessoas que não têm contato direto com indivíduos com deficiência construíram em seu imaginário uma imagem negativa sobre o grupo, baseada em estereótipos ultrapassados. Através de filmes, novelas, da imprensa e redes sociais, é possível compensar essa falta de convivência, diminuindo o estranhamento experimentado pelo público, que é fruto da desinformação. Isso ajuda a construir novas percepções sociais e formar uma nova cultura mais inclusiva.

SUAS PALAVRAS, NOSSA IMAGEM

Apesar do aumento da presença de pessoas com deficiência nos veículos de comunicação, ainda é necessário afinar o discurso para que a imagem construída não seja estereotipada e acabe tendo mais efeitos negativos do que positivos.

Escritores, editores, repórteres e outros comunicadores se esforçam para usar a terminologia mais precisa sobre as pessoas com deficiência. No entanto, expressões inadequadas, arcaicas e ofensivas ainda são comumente utilizadas, perpetuando o estigma e crenças equivocadas sobre as pessoas com deficiência.

Sabemos que a linguagem molda percepções, de modo que uma pequena escolha de palavras pode fazer uma grande diferença na comunicação e atitudes em relação às pessoas com deficiência e suposições sobre a qualidade de suas vidas.

Por exemplo, uma pessoa que usa uma cadeira de rodas - um fato objetivo - é frequentemente descrita como, "presa" ou "confinada" a uma cadeira de rodas, uma descrição subjetiva que a vitimiza.

Como um usuário de cadeira de rodas coloca, "Eu, enquanto pessoa, não sou 'preso' à minha cadeira de rodas. Na verdade, a cadeira é um equipamento muito libertador, que me permite trabalhar, fazer esportes, cuidar da casa, me conectar com amigos e familiares, e 'ter uma vida'."



SÍNDROME DE DOWN - SAIBA O QUE DIZER:

 NÃO USE	 USE
Deficiente, inválido, doente e excepcional	Pessoa com deficiência
Portador de síndrome de Down, retardado e portador de retardamento mental	Pessoa com síndrome de Down
Doença genética	Condição genética
Pessoa especial, com necessidades especiais	Necessidades específicas
Trabalhadores com deficiência são melhores, pessoas com síndrome de Down são anjos, ingênuos e carinhosos	Evite estereótipos
Defeituoso, condenado, erro genético e anomalia	Palavras positivas ou neutras
O risco de ter uma criança com síndrome de Down	A probabilidade / as chances de ter uma criança com síndrome de Down

- deficiência sensorial – pessoa com deficiência visual (cego e pessoa com baixa visão) e pessoa com deficiência auditiva (surdo)
- deficiência intelectual (síndrome de Down e outros)
- deficiência física (pessoa paraplégica, pessoa tetraplégica, pessoa amputada...)
- deficiência múltipla (mais de uma deficiência, surdo-cego, etc)
- transtornos do desenvolvimento – pessoa com autismo ou pessoa autista

DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) foi aprovada no Brasil em 2009/2009 como norma constitucional e diz que “pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas.”

Repare que a relação com o meio, ou seja o acesso, é que determina a participação ou não da pessoa na comunidade.

O capítulo 8 da Convenção, sobre conscientização, estabelece que os países devem "incentivar todos os órgãos da mídia a retratar as pessoas com deficiência de maneira compatível" com seu propósito.

Dito isto, as pessoas com deficiência são como qualquer outro ser humano - elas têm talentos e dificuldades, sucessos e fracassos, sonhos e esperanças. Assim como outros grupos minoritários, elas não querem ser estereotipadas quando suas histórias são contadas. Ao seguir estas orientações, você pode retratar as pessoas com deficiência de forma precisa e objetiva.

CULTURA CAPACITISTA

Capacitismo é privilegiar corpos perfeitos, considerar as pessoas com deficiência como inferiores às pessoas sem deficiência, objetos de piedade, fardos para as suas famílias e para a sociedade, cidadãos de segunda classe, cuja vida não vale a pena. Como a cultura do estupro, a cultura machista e a cultura racista, a cultura capacitista resulta em marginalização e discriminação. E discriminação é crime, segundo a Lei Brasileira de Inclusão e a CDPD. A Convenção, que celebra o seu décimo aniversário este ano e foi ratificada por 164 países, tem como princípio principal "promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais de todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente."

A PESSOA EM PRIMEIRO LUGAR

Coloque a pessoa em primeiro lugar, não sua deficiência. Use pessoa com deficiência, mulher com esclerose múltipla ou criança com deficiência intelectual. Colocando a pessoa em primeiro lugar, o foco recai sobre o indivíduo, não sua limitação funcional. Rotular, por exemplo, um autista), desumaniza e o reduz ao seu diagnóstico. Uma pessoa é muito mais do que um diagnóstico. Use essa forma também para indicar grupos, como pessoas com paralisia cerebral.

Esta terminologia foi escolhida pelas próprias pessoas com deficiência e é utilizada tanto na CDPD quanto na Lei Brasileira de Inclusão.

Ressalte as habilidades, e não as limitações. Por exemplo, diga “ela usa uma cadeira de rodas” ou “usa um dispositivo/equipamento de comunicação” em vez de “está confinada a uma cadeira de rodas” ou “é incapaz de falar”, “mudo” ou “não-verbal”. Na realidade, cadeiras de rodas e outros aparelhos de assistência representam independência para seus usuários, e não um empecilho. Para enfatizar as capacidades, evite palavras negativas que retratem a pessoa como passiva ou sugiram que são “menos”, como “vítima, inválida, defeituosa, parálitica, entrevada ou aleijada”.

Não focalize o texto na deficiência, a menos que seja essencial para o relato. Evite histórias tristes, que fazem chorar, sobre doenças incuráveis, deficiências congênitas ou ferimentos graves. Concentre-se em questões que afetem a qualidade de vida para esses mesmos indivíduos, tais como habitação e transporte acessível, educação inclusiva, cuidados de saúde, oportunidades de emprego e discriminação. Concentre-se em características pessoais que não estão relacionadas com a deficiência, como artista, profissional, mãe, etc.

NEM ESPECIAL, NEM PORTADOR

Não use eufemismos condescendentes. Termos como especial, excepcional, portador de necessidades especiais, entre outros, foram usados no passado, inclusive na legislação, como uma forma de tentar “compensar” a deficiência, mas se tornaram obsoletos. Eles reforçam a ideia de que as pessoas não conseguem lidar honestamente com a deficiência. É comum ver uma pessoa hesitar, escolhendo a melhor palavra para falar sobre o assunto ou se dirigir a uma pessoa com deficiência. Usar termos como necessidades especiais é ofensivo para muitos adultos com deficiência que querem ser tratados como todos os outros em sua comunidade. Especial também denota um certo paternalismo, levando a crer que aquela pessoa precisa ser cuidada, o que frequentemente não é verdade. Basta dizer criança com deficiência, por exemplo. Sobre o termo portador, uma pessoa pode portar (carregar, trazer) carteira, guarda-chuva, um vírus, mas uma pessoa com deficiência TEM aquela deficiência, não pode deixá-la em casa. Se precisar falar sobre os ajustes necessários para que as pessoas com deficiência acessem seus direitos, use adaptação, acomodação, ajuste. O termo utilizado na CDPD é “adaptação razoável”.

NÃO AO HEROÍSMO E À SUPERAÇÃO

As pessoas com deficiência são muitas vezes retratadas como objetos de piedade, um fardo para suas famílias e para a sociedade, ou então como super-heróis. Esse último tipo de representação é equivocadamente percebido como positivo. Os meios de comunicação costumam contar histórias pessoais supostamente incríveis (que muitas vezes provocam lágrimas), de indivíduos com algum talento que têm se esforçado para "superar" a deficiência para alcançar os seus sonhos. Mesmo que o público possa achar esses retratos inspiradores, esses estereótipos levantam falsas expectativas para as outras pessoas com deficiência.

Algumas narrativas mostram pessoas com deficiência como "heroínas" simplesmente por fazer coisas do dia a dia, como ir à escola, pegar o ônibus ou usar um computador no trabalho. O tom condescendente dessas representações costuma fazer mais mal do que bem. A falecida ativista australiana Stella Young criou o termo "pornografia inspiracional" como uma forma provocativa para chamar a atenção para o principal propósito desse tipo de representação: usar a deficiência alheia para fazer as pessoas sem deficiência "se sentirem bem" sobre si mesmas por não terem uma deficiência.

Veja o TED Talk de Stella Young– Eu não sou sua inspiração”- https://www.ted.com/talks/stella_young_i_m_not_your_inspiration_thank_you_very_much?language=pt

Outro tipo nocivo de matéria, que pode erroneamente passar como positivo, é aquela cujo foco se encontra nas pessoas à volta da pessoa com deficiência. Pode ser aquele colega que faz um “esforço” para “ajudar” uma pessoa com deficiência, que suscita comentários como “olha como fulano é legal/bonzinho – convidou a colega com deficiência para dançar”, ou “deixou o aluno com autismo participar do jogo”. “Olha como essa mãe sofre para dar conta de cuidar do filho com microcefalia”. Geralmente, nesse tipo de matéria, a pessoa com deficiência é completamente ignorada, não tem voz. Ela só serve como objeto, ponte para a exaltação pessoal de outras pessoas, tão “bondosas e abnegadas”.

TRILHA SONORA

Para matérias de rádio e TV, musiquinha triste de pianinho ao fundo pode acabar com uma boa história. Prefira um som dinâmico, pra cima, ou, na dúvida, nenhuma sonorização.

Evite sensacionalizar e usar rótulos negativos. Descrever pessoas com palavras como “padece de, é vítima de, sofre de”, contribui para diminuí-las e retratá-las como indefesas, mostrando-as como objetos de piedade e caridade. Exponha os fatos em termos neutros, dizendo que uma pessoa tem o braço amputado, por exemplo. Procure não fazer, tampouco, julgamento de valor. Ao dizer que o “risco de ter um bebê com síndrome de

Down aumenta com a idade da mãe”, você está assumindo que ter síndrome de Down é ruim. Prefira termos neutros como a probabilidade ou a chance.

Não equipare deficiência com doença. Pessoas com deficiência podem ser saudáveis, embora possam ter doenças crônicas, como artrite, doenças cardíacas e diabetes. As pessoas que tiveram poliomielite e ficaram com sequelas têm síndrome pós-pólio, elas não estão mais passando pela fase ativa do vírus. Além disso, não se refira à doença se a deficiência de uma pessoa foi resultado de dano anatômico ou fisiológico (por exemplo, uma pessoa com espinha bífida). Finalmente, não se refira a pessoas com deficiência como pacientes, a menos que a relação com o seu médico esteja em discussão, ou se elas são citadas no contexto de um ambiente clínico.

ENTREVISTA

Veja algumas dicas para entrevistar pessoas com deficiência:

A melhor dica: Pergunte ao especialista - a pessoa que você está entrevistando.

Sempre ouça a própria pessoa com deficiência. De preferência, converse com ela antes de gravar a entrevista. Pergunte a melhor forma de proceder.

Antes da entrevista

- Peça ao entrevistado se ele ou ela requer algum tipo de lugar específico, com acesso para cadeira de rodas, por exemplo, um lugar tranquilo para ser entrevistado, um intérprete, etc. Se você estiver inseguro sobre o local da entrevista, peça uma sugestão ao entrevistado.
- Reserve bastante tempo para a entrevista. Você pode precisar de um tempo adicional.

Planejando a Entrevista

- Coloque-se e ajuste a câmera ao nível dos olhos do entrevistado.
- Caso ela seja usuária de cadeira de rodas, sente-se ao seu lado para ficar no mesmo nível.
- Se a entrevista for em um lugar alto, como um palco, por exemplo, e o entrevistado tem uma deficiência física, certifique-se de que há acesso adequado para a área de entrevistas.

Durante a entrevista

- Ao entrevistar uma pessoa com deficiência, fale diretamente com a pessoa e olhe-a nos olhos, em vez de se dirigir a um intérprete ou acompanhante.
- Para entrevistados com deficiência intelectual, faça uma pergunta de cada vez, com frases enxutas e diretas.
- Use as mesmas técnicas de entrevista de costume. Fale em tom descontraído, coloquial.

- Ao falar com uma pessoa com deficiência auditiva, certifique-se de que está de frente para ela e não cubra a boca quando falar. Coloque-se de frente para a fonte de luz para que o entrevistado possa vê-lo. Espere para falar até que a pessoa esteja olhando para você.
- Quando o entrevistado tiver deficiência visual, identifique-se e às outras pessoas que estão com você. Ao conversar em grupo, lembre-se de identificar a pessoa com quem você está falando.
- Ouça com atenção quando você estiver se dirigindo a uma pessoa que tem dificuldade de fala. Seja paciente e espere que a pessoa termine de falar em vez de corrigi-la ou falar por ela. Nunca finja que entendeu o que ela disse se você está tendo dificuldade. Em vez disso, repeta o que você acha que foi dito e permita que a pessoa responda.
- Ao cobrir um evento com intérprete de Libras ou legendas em tempo real, certifique-se de que não está atrapalhando as pessoas que usam esses serviços. Evite andar entre elas ou bloquear sua comunicação. Muitas vezes as pessoas que usam intérpretes ficam localizadas na frente, perto do palco ou mesa de debatedores. Lembre-se que bloquear esta comunicação é como desligar o microfone.

Outras sugestões

- Concentre-se na pessoa que você está entrevistando, não na deficiência dela.
- Aperte a mão ao cumprimentar uma pessoa com uma deficiência. As pessoas com próteses ou movimento da mão limitada geralmente também apertam as mãos.
- Se você oferecer assistência, espere até que a oferta seja aceita. Em seguida, peça instruções sobre como proceder.
- Uma cadeira de rodas ou outro objeto de apoio é parte do espaço do corpo da pessoa. Não se apoie ou se pendure na cadeira de rodas de uma pessoa, nem coloque muletas e bengala longe dela.
- Os animais de serviço e cães-guia estão trabalhando. Não faça contato visual, festinha, nem acaricie o guia porque isso perturba o animal e seu proprietário.

ACESSIBILIDADE

E já que estamos falando de comunicação, não poderíamos deixar de dar algumas dicas básicas de acessibilidade para serem incorporadas em seu dia a dia. Isso possibilitará que mais pessoas tenham acesso a suas produções.

- Quando postar uma foto ou mandar um email, lembre-se que pessoas cegas podem estar recebendo a mensagem. Faça a descrição da imagem, inclusive de convites em arquivos de imagem (jpeg, etc). A regra é: tudo que não pode ser iluminado com o cursor, não dá pra ser lido pelo leitor de texto do computador.

- No caso das pessoas surdas, nem todas usam Libras (a língua brasileira dos sinais). Muitas são oralizadas, ou seja, fazem leitura labial e falam. Algumas usam as duas formas de comunicação. O celular é um grande aliado da comunidade surda. É comum a comunicação por mensagens de texto. Vários aplicativos também têm sido criados, facilitando a comunicação.
- As legendas de vídeo/filmes são necessárias como forma de acessibilidade, o que beneficia os surdos e também outros segmentos da população como idosos e pessoas com deficiência intelectual. Além disso as legendas possibilitam que o espectador leia o que está sendo dito, quando o volume do televisor estiver baixo em salas de espera, por exemplo. Filmes e vídeos em português devem ser sempre legendados para garantir a acessibilidade.
- A acessibilidade na informação também deve ser garantida a quem tem deficiência intelectual. Textos mais diretos, simples são mais fáceis de entender por qualquer um. Uso de imagens e infográficos, são algumas estratégias que também beneficiam toda a população.

GLOSSÁRIO

Os termos são considerados corretos em função de certos valores e conceitos vigentes em cada sociedade e em cada época. Assim, eles passam a ser incorretos quando esses valores e conceitos vão sendo substituídos por outros, o que exige o uso de outras palavras. Estas outras palavras podem já existir na língua falada e escrita, mas, neste caso, passam a ter novos significados. Ou então são construídas especificamente para designar conceitos novos. O maior problema decorrente do uso de termos incorretos reside no fato de os conceitos obsoletos, as idéias equivocadas e as informações inexatas serem inadvertidamente reforçados e perpetuados.

Este fato pode ser a causa da dificuldade ou excessiva demora com que o público leigo e os profissionais mudam seus comportamentos, raciocínios e conhecimentos em relação, por exemplo, à situação das pessoas com deficiência. O mesmo fato também pode ser responsável pela resistência contra a mudança de paradigmas como o que está acontecendo, por exemplo, na mudança que vai da integração para a inclusão em todos os sistemas sociais comuns.

“Terminologia sobre Deficiência na era da Inclusão”*, de Romeu Kazumi Sassaki**

A seguir, Romeu Sassaki apresenta várias expressões incorretas seguidas de comentários e

dos equivalentes termos corretos, frases corretas e grafias corretas, com o objetivo de subsidiar o

trabalho de estudantes de qualquer grau do sistema educacional, pessoas com deficiência e

familiares, profissionais de diversas áreas (reabilitação, educação, mídia, esportes, lazer etc.), que

necessitam falar e escrever sobre assuntos de pessoas com deficiência no seu dia-a-dia. Ouvimos

e/ou lemos esses termos incorretos em livros, revistas, jornais, programas de televisão e de rádio, apostilas, reuniões, palestras e aulas.

1. adolescente normal

Desejando referir-se a um adolescente (uma criança ou um adulto) que não possua uma deficiência, muitas pessoas usam as expressões adolescente normal, criança normal e adulto

normal. Isto acontecia muito no passado, quando a desinformação e o preconceito a respeito de

pessoas com deficiência eram de tamanha magnitude que a sociedade acreditava na normalidade

das pessoas sem deficiência. Esta crença fundamentava-se na ideia de que era anormal a pessoa

que tivesse uma deficiência. A normalidade, em relação a pessoas, é um conceito questionável e

ultrapassado. TERMOS CORRETOS: adolescente (criança, adulto) sem deficiência ou, ainda,

adolescente (criança, adulto) não-deficiente.

2. aleijado; defeituoso; incapacitado; inválido

Estes termos eram utilizados com frequência até a década de 80. A partir de 1981, por influência

do Ano Internacional das Pessoas Deficientes, começa-se a escrever e falar pela primeira vez a

expressão pessoa deficiente. O acréscimo da palavra pessoa, passando o vocábulo deficiente para a

função de adjetivo, foi uma grande novidade na época. No início, houve reações de surpresa e

espanto diante da palavra pessoa: “Puxa, os deficientes são pessoas!?” Aos poucos, entrou em uso

a expressão pessoa portadora de deficiência, frequentemente reduzida para portadores de

deficiência. Por volta da metade da década de 90, entrou em uso a expressão pessoas com

deficiência, que permanece até os dias de hoje. Consultar SASSAKI (2003). Ver os itens 47 e 48.

3. “apesar de deficiente, ele é um ótimo aluno”

Na frase acima há um preconceito embutido: ‘A pessoa com deficiência não pode ser um ótimo

aluno’. FRASE CORRETA: “ele tem deficiência e é um ótimo aluno”.

4. “aquela criança não é inteligente”

Todas as pessoas são inteligentes, segundo a Teoria das Inteligências Múltiplas. Até o presente, foi

comprovada a existência de nove tipos de inteligência: lógico-matemática, verbal-linguística,

interpessoal, intrapessoal, musical, naturalista, corporal-cinestésica e visual-espacial (GARDNER,

2000). Consultar ANTUNES (1998, 1999). FRASE CORRETA: “aquela criança é menos desenvolvida

na inteligência [por ex.] lógico-matemática”.

5. cadeira de rodas elétrica

Trata-se de uma cadeira de rodas equipada com um motor. TERMO CORRETO: cadeira de rodas

motorizada.

6. ceguinho

O diminutivo ceguinho denota que o cego não é tido como uma pessoa completa. TERMOS

CORRETOS: cego; pessoa cega; pessoa com deficiência visual. Ver o item 59.

7. classe normal

TERMOS CORRETOS: classe comum; classe regular. No futuro, quando todas as escolas se tornarem inclusivas, bastará o uso da palavra classe sem adjetivá-la. Ver os itens 25 e 51.

8. defeituoso físico

Defeituoso, aleijado e inválido são palavras muito antigas e eram utilizadas com frequência até o

final da década de 70. O termo deficiente, quando usado como substantivo (por ex., o deficiente

físico), está caindo em desuso. TERMO CORRETO: pessoa com deficiência física. Ver os itens 10 e

9. deficiências físicas (como nome genérico englobando todos os tipos de deficiência).

TERMO CORRETO: deficiências (como nome genérico, sem especificar o tipo, mas referindo-se a todos os tipos). Alguns profissionais, não-familiarizados com o campo da reabilitação, acreditam que as deficiências físicas são divididas em motoras, visuais, auditivas e mentais. Para eles, deficientes físicos são todas as pessoas que têm deficiência de qualquer tipo, o que é um equívoco.

A deficiência física, propriamente dita, consiste na “alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, ostomia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, nanismo, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções” (arts. 5º e 70, Decreto nº 5.296, 2/12/04). Consultar BRASIL (2004). Ver os itens 9 e 11.

10. deficientes físicos (quando se referir a pessoas com qualquer tipo de deficiência).

TERMO CORRETO: pessoas com deficiência (sem especificar o tipo de deficiência). Ver os itens 9 e

11. deficiência mental leve, moderada, severa, profunda

TERMO CORRETO: deficiência intelectual (sem especificar nível de comprometimento). A partir da Declaração de Montreal sobre Deficiência Intelectual, aprovada em 6/10/04 pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2004), em conjunto com a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), o termo “deficiência mental” passou a ser “deficiência intelectual”. Antes, em 1992, a então Associação Americana sobre Deficiência Mental (AAMR, em inglês) adotou uma nova conceituação da deficiência intelectual (até então denominada “deficiência mental”), considerando-a não mais como um traço absoluto da pessoa que a tem e sim como um atributo que interage com o seu meio ambiente físico e humano, o qual deve adaptar-se às necessidades especiais dessa pessoa, provendo-lhe o apoio intermitente, limitado, extensivo ou permanente de que ela necessita para funcionar em 10 áreas de habilidades adaptativas: comunicação, autocuidado, habilidades sociais, vida familiar, uso comunitário, autonomia, saúde e segurança, funcionalidade acadêmica, lazer e trabalho. A AAMR, em reunião de novembro de 2006, decidiu que, a partir de 1º/1/07, passará a chamar-se Associação Americana sobre Deficiências Intelectual e de Desenvolvimento (AAIDD, em inglês). Consultar RIO DE JANEIRO (c. 2001). A classificação em leve, moderada, severa e profunda foi instituída pela OMS em 1968 e perdurou até 2004. Consultar BRASIL (2004). Ver os itens 35 e 50.

12. deficiente mental (quando se referir a uma pessoa com deficiência intelectual)

TERMO CORRETO: pessoa com deficiência intelectual (esta deficiência ainda é conhecida como deficiência mental). O termo deficiente, usado como substantivo (por ex.: o deficiente intelectual), tende a desaparecer, exceto em títulos de matérias jornalísticas por motivo de economia de espaço. Consultar RIO DE JANEIRO (c. 2001).

13. doente mental (quando se referir a uma pessoa com transtorno mental)

TERMOS CORRETOS: pessoa com transtorno mental, paciente psiquiátrico. Consultar BRASIL (2001), “lei sobre os direitos das pessoas com transtorno mental”.

14. “ela é cega mas mora sozinha”

Na frase acima há um preconceito embutido: ‘Todo cego não é capaz de morar sozinho’.
FRASE

CORRETA: “ela é cega e mora sozinha”

15. “ela é retardada mental mas é uma atleta excepcional”

Na frase acima há um preconceito embutido: ‘Toda pessoa com deficiência mental não tem capacidade para ser atleta’. FRASE CORRETA: “ela tem deficiência mental [intelectual] e se destaca como atleta”.

16. “ela é surda [ou cega], mas não é retardada mental”

A frase acima contém um preconceito: ‘Todo surdo ou cego tem retardo mental’. Retardada mental, retardamento mental e retardo mental são termos do passado. O adjetivo “mental”, no caso de deficiência, mudou para “intelectual” a partir de 2004. Ver o item 12. FRASE CORRETA: “ela é surda [ou cega] e não tem deficiência intelectual”.

17. “ela foi vítima de paralisia infantil”

A poliomielite já ocorreu nesta pessoa (por ex., ‘ela teve pólio’). Enquanto a pessoa estiver viva, ela tem seqüela de poliomielite. A palavra vítima provoca sentimento de piedade. FRASES CORRETAS:

“ela teve [flexão no passado] paralisia infantil” e/ou “ela tem [flexão no presente] seqüela de paralisia infantil”.

18. “ela teve paralisia cerebral” (quando se referir a uma pessoa viva no presente)

A paralisia cerebral permanece com a pessoa por toda a vida. FRASE CORRETA: “ela tem paralisia cerebral”.

19. “ele atravessou a fronteira da normalidade quando sofreu um acidente de carro e ficou deficiente”

A normalidade, em relação a pessoas, é um conceito questionável. A palavra sofrer coloca a pessoa em situação de vítima e, por isso, provoca sentimentos de piedade.

FRASE CORRETA: “ele teve um acidente de carro que o deixou com uma deficiência”.

20. “ela foi vítima da pólio”

A palavra vítima provoca sentimento de piedade. TERMOS CORRETOS: pólio, poliomielite e paralisia infantil. FRASE CORRETA: “ela teve pólio”.

21. “ele é surdo-cego”

GRAFIA CORRETA: “ele é surdocego”. Também podemos dizer ou escrever: “ele tem surdocegueira”. Ver o item 55.

22. “ele manca com bengala nas axilas”

FRASE CORRETA: “ele anda com muletas axilares”. No contexto coloquial, é correto o uso do termo muletante para se referir a uma pessoa que anda apoiada em muletas.

23. “ela sofre de paraplegia” [ou de paralisia cerebral ou de sequela de poliomielite]

A palavra sofrer coloca a pessoa em situação de vítima e, por isso, provoca sentimentos de piedade.

FRASE CORRETA: “ela tem paraplegia” [ou paralisia cerebral ou sequela de poliomielite].

24. escola normal

No futuro, quando todas as escolas se tornarem inclusivas, bastará o uso da palavra escola sem adjetivá-la. TERMOS CORRETOS: escola comum; escola regular. Ver os itens 7 e 51.

25. “esta família carrega a cruz de ter um filho deficiente”

Nesta frase há um estigma embutido: ‘Filho deficiente é um peso morto para a família’.

FRASE CORRETA: “esta família tem um filho com deficiência”.

26. “infelizmente, meu primeiro filho é deficiente; mas o segundo é normal”

A normalidade, em relação a pessoas, é um conceito questionável, ultrapassado. E a palavra infelizmente reflete o que a mãe pensa da deficiência do primeiro filho: ‘uma coisa ruim’.

FRASE CORRETA: “tenho dois filhos: o primeiro tem deficiência e o segundo não tem”.

27. intérprete do LIBRAS

TERMO CORRETO: intérprete da Libras (ou de Libras). GRAFIA CORRETA: Libras. Libras é sigla de Língua de Sinais Brasileira: Li = Língua de Sinais, bras = Brasileira. “Libras é um termo consagrado pela comunidade surda brasileira, e com o qual ela se identifica. Ele é consagrado pela tradição e é extremamente querido por ela. A manutenção deste termo indica nosso profundo respeito para com as tradições deste povo a quem desejamos ajudar e promover, tanto por razões humanitárias quanto de consciência social e cidadania. Entretanto, no índice linguístico internacional os idiomas naturais de todos os povos do planeta recebem uma sigla de três letras como, por exemplo, ASL (American Sign Language). Então será necessário chegar a uma outra sigla.

Tal preocupação ainda não parece ter chegado na esfera do Brasil”, segundo CAPOVILLA (2001). É igualmente aceita a sigla LSB (Língua de Sinais Brasileira). A rigor, na grafia por extenso, quando se tratar da disciplina Língua de Sinais Brasileira, escreve-se em maiúsculo a letra inicial de cada uma dessas palavras. Mas, quando se referir ao substantivo composto, grafa-se “língua de sinais brasileira”, tudo em caixa baixa. Ver os itens 31, 32 e 33.

28. inválido (quando se referir a uma pessoa que tenha uma deficiência)

A palavra inválido significa sem valor. Assim eram consideradas as pessoas com deficiência desde a Antiguidade até o final da Segunda Guerra Mundial.

TERMO CORRETO: pessoa com deficiência.

29. lepra; leproso; doente de lepra

TERMOS CORRETOS: hanseníase; pessoa com hanseníase; doente de hanseníase. Prefira o termo as pessoas com hanseníase ao termo os hansenianos. A lei federal nº 9.010, de 29/3/95, proíbe a utilização da palavra lepra e seus derivados, na linguagem empregada nos documentos oficiais.

Alguns dos termos derivados e suas respectivas versões oficiais são: “leprologia (hansenologia), leprologista (hansenologista), leprosário ou leprocômio (hospital de dermatologia), lepra, lepromatosa (hanseníase virchoviana), lepra tuberculóide (hanseníase tuberculóide), lepra dimorfa (hanseníase dimorfa), lepromina (antígeno de Mitsuda), lepra indeterminada (hanseníase indeterminada)”. A palavra hanseníase deve ser pronunciada com o h mudo [como em haras, haste, harpa]. Consultar BRASIL (1995). Mas, pronuncia-se o nome Hansen (do médico e botânico norueguês Armauer Gerhard Hansen) com o h aspirado.

30. LIBRAS - Linguagem Brasileira de Sinais

GRAFIA CORRETA: Libras.

TERMO CORRETO: Língua de sinais brasileira.

Trata-se de uma língua e não de uma linguagem. Segundo CAPOVILLA [comunicação pessoal], “Língua de Sinais Brasileira é preferível a Língua Brasileira de Sinais por uma série imensa de razões. Uma das mais importantes é que Língua de Sinais é uma unidade, que se refere a uma modalidade linguística quiroarticulatória-visual e não oroarticulatória-auditiva. Assim, há Língua de Sinais Brasileira, porque é a língua de sinais desenvolvida e empregada pela comunidade surda brasileira. Não existe uma Língua Brasileira, de sinais ou falada”. Observe-se o título do livro Dicionário enciclopédico trilingue da língua de sinais brasileira, v. I e II (CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001). Ver os itens 28, 32

31. língua dos sinais

TERMO CORRETO: língua de sinais. Trata-se de uma língua viva e, por isso, novos sinais sempre surgirão. A quantidade total de sinais não pode ser definitiva. Ver os itens 28, 31 e 33.

32. linguagem de sinais

TERMO CORRETO: língua de sinais. A comunicação sinalizada dos e com os surdos constitui um língua e não uma linguagem. Já a comunicação por gestos, envolvendo ou não pessoas surdas, constitui uma linguagem gestual. Uma outra aplicação do conceito de linguagem se refere ao que as posturas e atitudes humanas comunicam não-verbalmente, conhecido como a linguagem corporal. Ver os itens 28, 31 e 32.

33. Louis Braille

GRAFIA CORRETA: Louis Braille. O criador do sistema de escrita e impressão para cegos foi o educador francês Louis Braille (1809-1852), que era cego. Ver os itens 52 e 53.

34. mongolóide; mongol

TERMOS CORRETOS: pessoa, criança com síndrome de Down. As palavras mongol e mongolóide refletem o preconceito racial da comunidade científica do século 19. Em 1959, os franceses descobriram que a síndrome de Down era uma ocorrência genética. O termo Down vem de John Langdon Down, nome do médico inglês que identificou a síndrome em 1866. “A síndrome de Down é um dos eventos cromossômicos mais frequentes encontrados.” (MUSTACCHI, 2000). Consultar PROJETO DOWN (s/d). Ver os itens 12 e 50.

35. mudinho

Quando se refere ao surdo, a palavra mudo não corresponde à realidade dessa pessoa. O diminutivo mudinho denota que o surdo não é tido como uma pessoa completa.

TERMOS CORRETOS: surdo; pessoa surda; pessoa com deficiência auditiva. Há casos de pessoas que ouvem (portanto, não são surdas) mas têm um distúrbio da fala (ou deficiência da fala) e, em decorrência disso, não falam. Ver os itens 46, 56 e 57.

36. necessidades educativas especiais

TERMO CORRETO: necessidades educacionais especiais. “A palavra educativo significa algo que educa. Ora, necessidades não educam; elas são educacionais, ou seja, concernentes à educação” (SASSAKI, 1999). O termo necessidades educacionais especiais foi adotado pelo Conselho Nacional de Educação / Câmara de Educação Básica (Resolução nº 2, de 11-9-01, com base no Parecer CNE/CEB nº 17/2001, homologado pelo MEC em 15-8-01). Esta Resolução, durante o ano de 2005, está sendo reformulada pelo CNE. Consultar CNE (2001).

37. o epilético (ou a pessoa epilética)

TERMOS CORRETOS: a pessoa com epilepsia, a pessoa que tem epilepsia. Evite “o epilético”, “a pessoa epilética” e suas flexões em gênero e número.

38. o incapacitado (ou a pessoa incapacitada)

TERMO CORRETO: a pessoa com deficiência. A palavra incapacitado é muito antiga e era utilizada com frequência até a década de 80. Evite “o incapacitado”, “a pessoa incapacitada” e suas flexões em gênero e número.

39. o paralisado cerebral (ou a pessoa paralisada cerebral)

TERMO CORRETO: a pessoa com paralisia cerebral. Evite “o paralisado cerebral”, “a pessoa paralisada cerebral” e suas flexões em gênero e número.

40. “paralisia cerebral é uma doença”

FRASE CORRETA: “paralisia cerebral é uma condição” Muitas pessoas confundem doença com deficiência.

41. pessoa normal

TERMO CORRETO: pessoa sem deficiência; pessoa não-deficiente. A normalidade, em relação a pessoas, é um conceito questionável e ultrapassado.

42. pessoa presa [confinada, condenada] a uma cadeira de rodas

TERMOS CORRETOS: pessoa em cadeira de rodas; pessoa que anda em cadeira de rodas; pessoa que usa cadeira de rodas. Os termos presa, confinada e condenada provocam sentimentos de piedade. No contexto coloquial, é correto o uso dos termos cadeirante e chumbado.

TERMO CORRETO: pessoas com deficiência. A palavra ditas, neste caso, funciona como eufemismo para negar ou suavizar a deficiência, o que é preconceituoso.

44. pessoas ditas normais

TERMOS CORRETOS: pessoas sem deficiência; pessoas não-deficientes. Neste caso, o termo ditas é utilizado para contestar a normalidade das pessoas, o que se torna redundante nos dias de hoje.

45. pessoa surda-muda

GRAFIAS CORRETAS: pessoa surda ou, dependendo do caso, pessoa com deficiência auditiva. Quando se refere ao surdo, a palavra mudo não corresponde à realidade dessa pessoa. Diferencia-se entre deficiência auditiva parcial (perda de 41 decibéis) e deficiência auditiva total (ou surdez, cuja perda é superior a 41 decibéis), perdas essas aferidas por audiograma nas frequências de 500Hz, 2.000Hz e 3.000Hz, segundo o Decreto nº 5.296, de 2/12/05, arts. 5º e 70 (BRASIL, 2005).

Ver os itens 36, 56 e 57.

46. portador de deficiência

TERMO CORRETO: pessoa com deficiência. No Brasil, tornou-se bastante popular, acentuadamente entre 1986 e 1996, o uso do termo portador de deficiência (e suas flexões no feminino e no plural). Pessoas com deficiência vêm ponderando que elas não portam deficiência; que a deficiência que elas têm não é como coisas que às vezes portamos e às vezes não portamos (por exemplo, um documento de identidade, um guarda-chuva). O termo preferido passou a ser pessoa com deficiência. Aprovados após debate mundial, os termos “pessoa com deficiência” e “pessoas com deficiência” são utilizados no texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, aprovada em 13/12/06 pela Assembleia Geral da ONU. Consultar SASSAKI (2003). Ver os itens 2 e 48.

47. PPD's

GRAFIA CORRETA: PPDs. Não se usa apóstrofo para designar o plural de siglas. A mesma regra vale para siglas como ONGs (e não ONG's). No Brasil, tornou-se bastante popular, acentuadamente entre 1986 e 1996, o uso do termo pessoas portadoras de deficiência. Hoje, o termo preferido passou a ser pessoas com deficiência, motivando o desuso da sigla PPDs. Devemos evitar o uso de siglas em seres humanos. Mas, torna-se necessário usar siglas em circunstâncias pontuais, como em gráficos, quadros, colunas estreitas, manchetes de matérias jornalísticas etc. Nestes casos, a sigla recomendada é PcD, significando “pessoa com deficiência” ou “pessoas com deficiência”. Esta construção é a mesma que está sendo um consenso atualmente em âmbito mundial. Em espanhol:

PcD (persona con discapacidad), tanto no singular como no plural, sem necessidade do “s” após

PcD. Em inglês: PwD, também invariável em número (person with a disability, persons with disabilities, people with disabilities). Consultar SASSAKI (2003). Ver os itens 2 e 47.

48. quadriplegia; quadriparesia

TERMOS CORRETOS: tetraplegia; tetraparesia. No Brasil, o elemento morfológico tetra tornou-se mais utilizado que o quadri. Ao se referir à pessoa, prefira o termo pessoa com tetraplegia (ou tetraparesia) no lugar de o tetraplégico ou o tetraparético. Consultar BRASIL (2004).

49. retardo mental, retardamento mental

TERMOS CORRETOS: deficiência intelectual. São pejorativos os termos retardado mental, mongolóide, mongol, pessoa com retardo mental, portador de retardamento mental, portador de mongolismo etc. Tornaram-se obsoletos, desde 1968, os termos: deficiência mental dependente (ou custodial), deficiência mental treinável (ou adestrável), deficiência mental educável. Ver os itens 12 e 35.

50. sala de aula normal

TERMO CORRETO: sala de aula comum. Quando todas as escolas forem inclusivas, bastará o termo sala de aula sem adjetivá-lo. Ver os itens 7 e 25.

51. sistema inventado por Braille

GRAFIA CORRETA: sistema inventado por Braille. O nome Braille (de Louis Braille, inventor do sistema de escrita e impressão para cegos) se escreve com dois l (éles). Braille nasceu em 1809 e morreu aos 43 anos de idade. Ver os itens 34, 53 e 58.

52. sistema Braille

GRAFIA CORRETA: sistema braile. Conforme MARTINS (1990), grafa-se Braille somente quando se referir ao educador Louis Braille. Por ex.: ‘A casa onde Braille passou a infância (...)’. Nos demais casos, devemos grafar: [a] braile (máquina braile, relógio braile, dispositivo eletrônico braile, sistema braile, biblioteca braile etc.) ou [b] em braile (escrita em braile, cardápio em braile, placa metálica em braile, livro em braile, jornal em braile, texto em braile etc.). NOTA: Em 10/7/05, a Comissão Brasileira do Braille (CBB) recomendou a grafia “braille”, com “b” minúsculo e dois “l” (éles), respeitando a forma original francesa, internacionalmente empregada (DUTRA, 2005), exceto quando nos referirmos ao educador Louis Braille. Ver os itens 34, 52 e 58.

53. “sofreu um acidente e ficou incapacitado”

FRASE CORRETA: “teve um acidente e ficou deficiente”. A palavra sofrer coloca a pessoa em situação de vítima e, por isso, provoca sentimentos de piedade.

54. surdez-cegueira

GRAFIA CORRETA: surdocegueira. No que se refere à comunicação das (e com) pessoas surdocegas, existem a libras tátil (libras na palma das mãos) ou o tadoma (pessoa surdocega coloca sua mão no rosto do interlocutor, com o polegar tocando suavemente o lábio inferior e os outros dedos pressionando levemente as cordas vocais). O método tadoma foi utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1926, quando Sophia Alcorn conseguiu comunicar-se com os surdocegos Tad e Oma, nomes que deram origem à palavra “tadoma”. Ver o item 22.

55. surdinho

TERMOS CORRETOS: surdo; pessoa surda; pessoa com deficiência auditiva. O diminutivo surdinho denota que o surdo não é tido como uma pessoa completa. Os próprios cegos gostam de ser chamados cegos e os surdos de surdos, embora eles não descartem os termos pessoas cegas e pessoas surdas. Ver os itens 36, 46 e 57.

56. surdo-mudo

GRAFIAS CORRETAS: surdo; pessoa surda; pessoa com deficiência auditiva. Quando se refere ao surdo, a palavra mudo não corresponde à realidade dessa pessoa. Ver os itens 36, 46 e 56.

57. texto (ou escrita, livro, jornal, cardápio, placa metálica) em Braille

GRAFIAS CORRETAS: texto em braile; escrita em braile; livro em braile; jornal em braile; cardápio em braile; placa metálica em braile. Consultar DUTRA (2005). Ver NOTA no item 53.

58. visão sub-normal

GRAFIA CORRETA: visão subnormal. TERMO CORRETO: baixa visão. Existem quatro condições de deficiência visual: 1. cegueira (acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica); 2. baixa visão (acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica); 3. casos cuja somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60°; 4. ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores, de acordo com o Decreto nº 5.296, de 2/12/04, arts. 5º e 70 (BRASIL, 2004). Ver o item 6.

* Consultor de inclusão social e autor dos livros *Inclusão: Construindo uma Sociedade para Todos* (5.ed.,Rio de Janeiro: WVA, 2003) e *Inclusão no Lazer e Turismo: em busca da qualidade de vida* (SãoPaulo, Áurea 2003).Fonte: SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. Revista Nacional de Reabilitação, São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. 2002, p. 6-9.

Adaptado de:

Guidelines: How to Write and Report About People with Disabilities – Kansas University

<http://rtcil.org/products/media/guidelines#Person-First>

Tips for interviewing people with disabilities

<http://ncdj.org/resources/reporters/interviewing-tips/>

Instituto MetaSocial : www.metasocial.org.br

Gadim : www.gadim.org